

# 1

## ACORDES DE IGUALDADE: A PRESENÇA FEMININA EM PROFISSÕES DOMINADAS POR HOMENS

► **Kesley Gonçalves Bertany**

Bacharel em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;  
kesleybertany@gmail.com

► **Sarah de Carvalho Carneiro**

Bacharel em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;  
sarah.carvalho.carneiro@gmail.com

► **Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura**

Doutora em Ciência da Informação, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;  
ritamartins@sempre.unifacig.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-1286-2041>; <http://lattes.cnpq.br/0637911374423006>

## RESUMO

Buscou-se neste artigo descrever os desafios, os prazeres e os sofrimentos de duas mulheres que trabalham em profissões socialmente designadas como masculinas. As reflexões tecidas decorrem da pesquisa qualitativa, tendo como técnica de coleta de dados a história de vida de uma policial penal e de uma motorista de caçamba. O eixo teórico norteador deste estudo é a divisão sexual do trabalho, considerando os estereótipos, o sexismo e a noção de *habitus*. Os resultados sugerem que ainda hoje se encontra uma barreira espessa quanto à atuação de mulheres em ambientes masculinos, fazendo com que a escolha delas resulte em um cotidiano de superação, de desgaste emocional e de enfrentamento a comportamentos machistas e sexistas.

**Palavras-chave:** Divisão Sexual do Trabalho; Mulheres; Motorista; Policial Penal; Trabalho.

# 1

## CHORDS OF EQUALITY: WOMEN'S PRESENCE IN MALE- DOMINATED PROFESSIONS

### ABSTRACT

This article aims to describe the challenges, rewards, and hardships faced by two women working in professions traditionally seen as masculine. The reflections presented stem from a qualitative study, using life stories as the data collection method—focusing on the experiences of a prison officer and a dump truck driver. The theoretical framework guiding this research is based on the sexual division of labor, taking into account stereotypes, sexism, and the concept of habitus. The findings suggest that women continue to face significant barriers in male-dominated environments, leading them to a daily struggle of overcoming obstacles, emotional exhaustion, and confronting sexist and discriminatory behaviors.

**Keywords:** Gendered Division of Labor; Women; Driver; Corrections Officer; Work.

### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho se funda em uma relação entre o homem e a natureza e como suporte de relações sociais específicas. Dejours (1992) assinala que o trabalho segue sendo o principal vetor de integração e coesão social, de identidade e de realização de si, tornando-se essencial para o equilíbrio do desenvolvimento do sujeito. O trabalho é realizado com os outros e para os outros, subordinando-se a um objetivo coletivo, coordenado, organizado e gerido (Lhuillier, 2013).

Para Gorz (1969) o trabalho se realiza na esfera pública, precisando ser visto e reconhecido pelos outros. Entretanto, o autor afirma que o trabalho tem um papel paradoxal que, ao mesmo tempo que inclui, causa exclusão por ter se tornado algo necessário para a sobrevivência (Gorz, 1969).

Dentro de um conceito mais amplo, Marx (2004) afirma que o trabalho é uma atividade no qual o homem transforma a natureza, quando associado à criação e à liberdade, transformando

sua própria natureza. No contexto contemporâneo, o homem não se compreende mais sem a referência ao trabalho. Ou seja, o homem moderno depende de sua vinculação ao trabalho, visto que este passou a ser tanto um fator de sobrevivência, quanto de humanização, integração social e utilidade social. Langer (2017) pontua que o trabalho permite ao sujeito expressar sua individualidade, oportunizando a ele se revelar a si, revelar a sociabilidade de si e transformar o mundo.

Nesse cenário de significação do trabalho na vida humana, é relevante refletir sobre a inserção das mulheres no mundo do trabalho, o que não ocorreu de forma tão naturalizada como para os homens. Biroli e Quintela (2020, p. 76) apontam que, “assim como na sociedade, homens e mulheres formam dois grupos sociais distintos que são reproduzidos de forma contínua no âmbito do trabalho”.

A inserção das mulheres no cenário laboral traz o caráter dinâmico e multifacetado das relações sociais, expressando a divisão sexual do trabalho conforme apontado por Kergoat (2009). Ampliando esse conceito, Hirata e Kergoat (2007, p. 599) afirmam que a divisão sexual do trabalho diz respeito à “designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)”. Nessa perspectiva, o trabalho se categoriza refletindo as relações sociais entre os sexos e se organiza dentro desta lógica. Desse modo, a sociedade estabeleceu que há trabalhos para homens e trabalhos para mulheres.

Bourdieu (2002) explica que essa ideia da divisão estereotipada provém da dominação masculina que é assimilada pelo homem e sorvida pelas mulheres de forma inconsciente. Essa situação é persistente e naturalizada a partir do conceito de *habitus* que é fruto da educação informal, de inculcação e incorporação que tem o seu início na socialização infantil e é reforçada ao longo da vida por contínuas estratégias educativas no cotidiano das famílias, das diferentes igrejas, das escolas e dos meios de comunicação. Bourdieu (2002, p. 63-64) explicita que as expressões masculinas e femininas são produtos de um trabalho social de nomeação e inculcação de identidade que resultaram em instituição de uma sociedade social, demarcada por linhas místicas extremamente desconhecidas e selecionadas no mundo social.

Entretanto, a ideia de dividir o mundo laboral entre “trabalho feminino” e “trabalho masculino” necessita de reflexões. Precisa-se, cada vez mais, de estudos destinados a essa temática que tenham como compromisso desvelar os desafios impostos às mulheres neste ambiente. Concorda-se com Filsinger, Paula e Matta (2022) quando argumentam que o trabalho se desprende do indivíduo e, portanto, é uma construção individual tendo diferentes significados. Para as mulheres, segundo os autores, o trabalho “pode configurar-se como uma atividade emancipadora, onde a mulher busca realização própria, além de propiciar a viabilidade de alcançar a independência financeira” (p. 166). Há de se considerar as batalhas, os desafios e as estratégias que diversas mulheres, mesmo na contemporaneidade, ainda enfrentam. A inserção das mulheres no mundo do trabalho criou espaço para diferentes discussões sobre a

temática sem infelizmente, na análise de Hirata e Kergoat (2007, p. 600), alterarem os limites ou mesmo quebrá-los gerando o que as autoras definem como um paradoxo: “tudo muda, mas nada muda”.

Por tais razões este estudo buscou descrever os desafios, os prazeres e os sofrimentos de duas mulheres que trabalham em profissões tipicamente destinada aos homens. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descrita partindo de uma amostra por conveniência, em que se utilizou da história de vida para coletar os dados e da análise de conteúdo para subsidiar as análises realizadas.

As reflexões tecidas reforçam os preceitos estabelecidos pela divisão sexual do trabalho e demonstra os estereótipos e o sexismo que circunda o ambiente de trabalho cujas profissões são socialmente denominadas como masculinas. Apesar da inserção das mulheres no contexto laboral estar quantitativamente aumentando a cada dia, percebe-se que a escolha da profissão ainda é ditada, em grande parte, pela sociedade e aquelas mulheres que desafiam este determinismo tendem a compor um grupo minoritário que ousam enfrentar e “escolher” seu campo de atuação.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O delineamento metodológico em que se circunscreve a pesquisa teve como eixo central o objetivo estabelecido para ser alcançado. Nessa direção, o estudo classifica-se como um estudo descritivo que, de acordo com Malhotra (2006, p. 74-75), propicia descrever características de um determinado fenômeno. Quanto à técnica, o estudo se classifica como um *survey*, dentro da perspectiva de Gil (1999), o qual envolve questionar diretamente as pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Como sujeito de pesquisa, escolheu-se duas mulheres, amostra por conveniência, que trabalham em atividades de esferas predominantemente masculinas.

Como método de coleta de dados e se pautando no objetivo do estudo, optou-se pelo método de história de vida que se configura dentro de uma estratégia qualitativa. A história de vida se estrutura por meio de entrevistas em que o sujeito de pesquisa relata a sua história narrando os pontos essenciais em torno da temática proposta. Colomby *et al.* (2016, p. 5) explica que o método da história de vida se “constitui em depoimentos aprofundados em que se busca reconstituir por meio do diálogo a história do sujeito desde sua infância até os dias atuais”.

Para o mergulho analítico nas narrativas das participantes, utilizou-se da análise de conteúdo que na recomendação de Bardin (1977, p. 14) viabiliza compreender o discurso e entender que “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico se esconde um sentido que convém desvendar”. Sob tal perspectiva, a análise de conteúdo se constituiu como método para a compreensão das percepções descritas pelos sujeitos da pesquisa. Para a concretização da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário UNIFACIG e aprovado com parecer número 026864/2022.

### 3 EM BUSCA DE UM ACORDE MAIS HARMÔNICO

A inserção das mulheres no contexto laboral se desenvolveu ao longo da história de diferentes formas e para entendê-la de forma completa necessário se faz percorrer a história do desenvolvimento humano. Porém, para dar uma moldura teórica ao desenvolvimento deste estudo, destaca-se a divisão sexual do trabalho tão bem explicitada por Hirata e Kergoat (2007) que corresponde a uma forma de divisão do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos e se alinha à distribuição diferenciada das pessoas no mercado de trabalho vinculadas ao sexo.

Corroborando essa análise, Filsinger, Paula e Matta (2022) argumentam que esta divisão nada tem de natural, mas, historicamente, decorre das relações de produção primitivas. Assim, às mulheres foram destinadas atividades de “cuidar” e “reproduzir” sendo duas atividades consideradas não produtivas e aos homens o conceito de provedor lhes atribui toda a responsabilidade de desenvolver o capitalismo por meio de trabalhos produtivos. Desta forma, de acordo com Antloga *et al.* (2020, p. 1) “os ambientes e rotinas de trabalho são geralmente desenhados por e para homens e desconsideram o papel social que as mulheres seguem cumprindo, embora inseridas no mercado de trabalho”. Sob essa perspectiva tem-se desenhadas as tarefas que em nossa sociedade são atribuídas aos “homens” e aquelas destinadas às “mulheres”.

Uma das entrevistadas, a Policial Penal, relata que trabalhou durante muito tempo em uma profissão denominada como sendo do universo feminino: costureira. Porém, durante seu tempo como costureira ela foi percebendo que precisava se dedicar mais a ela, pois no atual trabalho ela não tinha tempo nem para “tomar um sol”. Quando ficou grávida percebeu que era urgente essa mudança, além do desejo de voltar para perto de sua família que morava em uma outra cidade. Assim, ela resolveu buscar por um trabalho que lhe oferecesse estabilidade, tempo e, de preferência, que fosse perto da família. Coincidiu abrir concurso para agente penitenciário, hoje policial penal, na cidade natal dela. Assim, ela optou por fazê-lo.

Em seu relato, a entrevistada destaca alguns aspectos que demonstram o significado do trabalho para ela: (1) identidade e propósito: a mudança de profissão de costureira para policial penal representa uma transformação significativa. Ela encontrou um novo papel na sociedade e um senso de contribuição para algo maior; (2) desenvolvimento de habilidades: trabalhar no presídio a ajudou a desenvolver habilidades específicas, como lidar com procedimentos de revista corporal e interagir com colegas e detentos. O trabalho proporcionou a ela a oportunidade de aprender e aperfeiçoar competências valiosas, pois nenhum “dia é igual a outro”; (3) diferença de ambiente: a transição de trabalhar como costureira para o ambiente prisional foi desafiadora; passou-se de um cenário predominantemente feminino para um ambiente onde as mulheres são minoria exigindo novas posturas e novas interações; (4) satisfação pessoal: a entrevistada demonstra estar realizada em sua função atual. Segundo ela, encontrou uma satisfação diferente ao lidar com questões humanas e de segurança.

Em seu relato percebe-se que, além de identidade, o seu trabalho oportuniza o seu sustento

financeiro e, também, propiciou o seu desenvolvimento como pessoa, dando-lhe a chance de contribuir para a sociedade sendo essa uma parte essencial de sua jornada de vida e experiência profissional. Infere-se que, ao falar sobre o trabalho, a entrevistada ressalta, mais de uma vez, a possibilidade de cuidar das pessoas e o compromisso que ela tem com o ser humano como se fosse uma missão de vida.

Essa análise se alinha aos pressupostos de Dejours (1992), o qual aponta que o trabalho, além de ser o principal vetor de integração e coesão social, cria identidade oportunizando a realização de quem o realiza.

Diferentemente da policial penal, a motorista de caçamba relata que foi “criada” em um ambiente dedicado a caminhões. Seu pai e irmãos sempre tiveram caminhões como atividade principal e ela sempre gostou. “Meu pai me chamava até de Maria gasolina” de tanto que eu gostava. Ou seja, toda a sua infância foi vivida tendo os caminhões como fonte de trabalho e, como já era de se esperar, ela se envolveu com a profissão e por isso “aprendeu a dirigir caminhão muito nova”. Quando se casou, seu marido tinha como atividade principal o trabalho de alugar máquinas pesadas para a construção civil. Assim que se separou, “herdou” um caminhão caçamba e, como “era natural”, foi trabalhar, pois precisava sobreviver, já que não encontrava um “motorista que realmente se dedicasse ao trabalho como ela queria”. Mais que um serviço, o trabalho de motorista de caçamba para ela “é sua vocação”, sendo o trabalho a sua maior motivação.

O relato das entrevistadas demonstra o quanto o trabalho é importante para ambas. O discurso apresentado por elas reforça os aspectos que Lhuilier (2013) aponta serem responsáveis pelo prazer que o trabalho propicia, tais como: reconhecer como sua atividade é realizada, o realizar o trabalho encontra alinhamento com os valores e os ideais da pessoa que o realiza, o trabalho propicia autonomia e, ainda, é reconhecido pelos outros. Ressaltando ainda a relevância do trabalho para as pessoas, Codo *et al.* (1993) destaca a entrega que o profissional faz quando trabalha. Segundo o autor, “qualquer que seja o modo de produção ou a tarefa, existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto: [...] é nossa subjetividade depositada ali, fora de nós, representando-nos” (Codo *et al.*, 1993, p. 188). Percebe-se um aspecto relevante na fala das duas, o aspecto emancipatório e gerador de independência que o trabalho representa para elas confirma a análise de Filsinger, Paula e Matta (2022).

Outro ponto que chama atenção no relato, principalmente da policial penal, é o aspecto do cuidado. Sempre na fala da entrevistada aparece o termo “cuidar”, a “preocupação com as pessoas”, o aspecto sensível de “pensar nos outros”. Esses pontos encontram respaldo na afirmação de Bourdieu (2002) que, mesmo estando inserida no mercado de trabalho em uma atividade socialmente designada para homens, as mulheres ainda apresentam esta vocação para o “cuidar” demonstrando o quanto estão arraigadas e corporificadas essas estruturas historicamente construídas e fortalecidas pelo *habitus*.

No que diz respeito ao sofrimento, a policial penal relata que esses aspectos são muito par-

ticulares de profissional para profissional. Para ela, os pontos que a tocam profundamente são a mudança de ambiente que às vezes impõe desafios enormes, pois ela mudou de um ambiente “eminente feminino” para um ambiente “muito masculino, muito violento”. Citando uma amiga do trabalho, ela diz “a gente vai morrer e não vai ver o que existe em cima dessa terra. A maldade que existe em cima dessa terra. A gente não conhece tudo”. Assim ela procura colocar o trabalho em um patamar “fechado” de sua vida, ela não mistura. Em sua vida privada ela diz que não comenta nada do trabalho, “não uso a linguagem que “eles” utilizam no presídio. Procuro não misturar esses dois ambientes, essa “é uma regra que me impus”. Minha família não sabe nada do meu trabalho e vice-versa”. Outro ponto citado é o fato de ser uma “minoridade” no ambiente de trabalho, tendo como decorrência isolamento e dificuldade de interação. Segundo ela, o treinamento inicial não leva em consideração o fato delas serem mulheres. “Tudo no ambiente de trabalho não tem distinção de gênero, a começar pelo uniforme, ou seja, a minha farda não tem um corte diferente da masculina”.

Outro aspecto que reforça a masculinidade do ambiente são os comportamentos e as brincadeiras que, de certa forma, segregam os espaços de atuação de cada gênero. A policial penal relata que “os comportamentos, as falas, as brincadeiras envolvendo até os presos” têm uma cultura de reforçar e lembrar o ambiente violento. Essa análise da policial penal corrobora os achados de Araújo e Ribeiro (2023, p. 225) que afirmam que as mulheres “reforçam que o relacionamento mais “humanizado” é o que distingue o trabalho em penitenciárias femininas e masculinas, com essas mais orientadas por práticas agressivas”. O relato apresentado pela Policial Penal se alinha à análise feita por Antloga *et al.* (2020) quando a autora aponta que naturalmente as mulheres se utilizam de um conjunto de comportamentos dentro do padrão que se espera dela, ou seja, usa de submissão e docilização para evitar possíveis ofensas ou represálias. “Mesmo quando a mulher tenta assumir um papel defensivo equivalente à virilidade, ela não consegue alcançar institucionalmente o mesmo patamar masculino” (Antloga *et al.*, 2020, p. 1).

Também, a motorista de caçamba aponta em seu relato estes aspectos. Segundo ela, um dos maiores desafios é ser “aceita” no ambiente. Ela presta serviço, e, de acordo com ela, “no começo, teve aquele machismo todo”, pois ela é a única na cidade a realizar esse tipo de atividade. Por isso, ela tem que provar a sua capacidade de forma contínua. Segundo o seu relato, uma vez, “o dono do serviço falou assim: será que ela vai dar conta de fazer? Às vezes, queriam dispensar o caminhão, por eu ser mulher”. Tem também, segundo ela, as piadinhas no trabalho. Por exemplo: “Mulher, né! Mulher no volante. É perigo constante. Acontece demais”, “é o tempo todo. O machismo é o tempo todo. Eles falam que isso é brincadeira, mas não é. É machismo mesmo”. Em seu relato ela apresenta uma situação atípica “porque eu cheguei a brigar com a pessoa, com o cliente. Largar o serviço dele e ir embora”.

Andrade e Fernandes (2024), ao estudarem sobre sexismo em instituições policiais, o que explica a fala da policial penal sujeita da pesquisa, apontam que a discriminação às mulheres nesse ambiente manifesta-se de várias formas, sendo uma delas a material e atitudes que

podem caminhar para os assédios moral e sexual desencadeando às servidoras adoecimento físico e, até mesmo, mental. Lombardi (2017) sugere que acontece a mesma discriminação no ambiente da engenharia de obras e que, na maioria das vezes como acontecem em forma de “brincadeiras” há uma dificuldade enorme em reconhecê-las como tal.

Nessa perspectiva, entende-se que esses comportamentos podem ser reflexos de normas de masculinidade tóxicas chegando ao sexismo que buscam discriminar e perpetuar uma cultura de virilidade, força e, ainda, de exclusão das mulheres que ainda existem nesses espaços fazendo com que muitas mulheres desistam do trabalho. Esse fato é confirmado pela Policial Penal quando ela relata que “entraram como ela” 10 mulheres e hoje só restam 2, ou seja, muitas não “aguentam” a pressão do trabalho e do ambiente, pois, como são minori, ficam isoladas do convívio com os colegas de trabalho.

É um meio machista. Machista demais. Você vê machismo nas cartas que eles (os detentos) mandam pras namoradas que tão lá fora, você vê machismo nos colegas... É tudo assim. É tudo pra que você não exista ali dentro e à noite você tem que rodar muralha, você tem que fazer tudo igualzinho. Igualzinho. Eu já ouvi colega falar assim, vai rodar igual a gente, não ganha o mesmo salário? Tem colega que não, tem as exceções.

Além desses fatores, uma outra variável é a carga emocional, corroborando as análises apontadas sobre a saúde física e mental, que acaba por desgastar a profissional. Ela relata que são muitas situações que afetam o emocional.

São mães que vão visitar o filho que está preso, esposas que os maridos estão presos. Uma situação que me marcou muito foi a morte de um dos presos em uma cela. Eles mataram um colega de cela!...Isto é horrível. Então assim, não interessa o que o cara fez, o que ele não fez, ninguém merece isso. Tinha 20 pessoas lá e foi na mão que o mataram. Com o tempo você vai percebendo que algumas coisas não te incomodam mais.

Esse relato da Policial Penal demonstra que o trabalho, de uma forma geral, no presídio envolve desafios emocionais, adaptações constantes e pressões muito específicas, tanto que, segundo ela, “se falarem comigo: 'você aposenta amanhã, você pode aposentar', eu tô parando. Meu tempo já passou. Físico e mentalmente”.

A motorista de caçamba, durante o seu relato demonstra o preconceito até mesmo no trânsito, pois as pessoas a olham e estranham uma “mulher dirigindo um caminhão caçamba”. Essa atitude reforça o estereótipo e o sexismo dos quais as mulheres são vítimas contribuindo para ressignificar o preconceito, muitas vezes disfarçado nas “brincadeiras e no sem querer”, e a divisão sexual do trabalho que se assenta culturalmente nas atitudes cotidianas no ambiente de trabalho e mais fortemente no âmbito social.

No que diz respeito ao sofrimento, a motorista de caçamba não percebe nenhuma situação, pois todas as pressões que são impostas a ela no trabalho, são com um trabalho bem feito que ela “prova que é ótima” conforme explicado por ela. Uma coisa que a incomoda, reforçando



o preconceito contra as mulheres, é o fato de alguns mecânicos tentarem “enganá-la” pelo simples fato dela ser mulher e, a princípio, acharem que ela não entende de caminhão: “mecânico enrola mulher. Já é de praxe”. Como estratégia para superar isto, ela procura aprender cada vez mais. “Eu sou chata de tanto que pergunto, pergunto o porquê, pergunto o que é, até entender o que está acontecendo [...]”. Por outro lado, “outras mulheres” que não fazem parte do universo de motoristas a acham empoderada, a admiram e a valorizam pelo trabalho dela. “Isso vale a pena, é muito “legal” e “muitas a incentivam a continuar”. Esta fala demonstra o quão é importante o trabalho ser reconhecido por outras pessoas. Este aspecto reforça a análise de Gorz (1969) quando ele afirma que o trabalho se realiza na esfera pública, precisando ser visto e reconhecido pelos outros.

Um ponto comum entre as duas entrevistadas é o fato de que, apesar do trabalho, elas não abriram mão de serem "donas de casa" e de não contarem com uma rede de apoio que as auxilie de forma rotineira. Elas cuidam da casa, dos filhos e trabalham para "sobreviver" e "manter a família". Essa atitude é analisada por Hirata e Kergoat (2007, p. 603) dentro do "modelo de conciliação", definido por Jacqueline Laufer como um modelo que "visa articular as atividades familiares e domésticas com a vida profissional". Trata-se de uma condição necessária para a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, especialmente no âmbito profissional.

Infere-se, portanto, que, embora as mulheres estejam conquistando, paulatinamente, mais espaço no mercado de trabalho, ainda existe uma necessidade e uma cobrança "social" pelas funções de reprodução historicamente atribuídas a elas, que continuam sendo vistas como sua responsabilidade exclusiva. Nesse sentido, concorda-se com Biroli e Quintela (2020, p. 77), quando afirmam que, apesar de todo esforço, as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado. Isso se interliga e reforça, diariamente, o princípio da "separação e da hierarquização" na divisão sexual do trabalho.

Os relatos apresentados pelas duas profissionais corroboram a análise de Biroli e Quintela (2020) ao evidenciarem a perspectiva do "nós" em referência às relações de classe, gênero e raça. Segundo as autoras, "as relações sociais que formam o nó, assim como ele mesmo, não são pré-determinadas ou permanentes, mas estão sujeitas a um constante movimento, ainda que o 'nó' entre elas permaneça atado" (Biroli; Quintela, 2020, p. 75).

## 4 O ACORDE FINAL

Este trabalho analisou os desafios, os prazeres e os sofrimentos enfrentados por mulheres que atuam em profissões tradicionalmente destinadas aos homens. Para dar sustentação ao estudo, teve-se como sujeitos da pesquisa duas profissionais que relataram, por meio do método da história oral, suas trajetórias de trabalho nos cargos que ocupam.

Os principais achados demonstram que, ainda hoje, mulheres que atuam em ambientes predominantemente masculinos enfrentam algum tipo de preconceito, frequentemente manifestado por meio de brincadeiras e comentários carregados de toxicidade. Esses comportamentos podem culminar em sexismo ou até mesmo em assédio moral. Apesar dos avanços

alcançados nos últimos anos em relação ao número de mulheres no mercado de trabalho, ainda persiste a ideia enraizada de que "a mulher foi feita para os trabalhos domésticos", reforçando a visão de uma função social específica para elas.

Além disso, observa-se que, mesmo quando optam por trabalhar "fora", as mulheres são frequentemente direcionadas a profissões que envolvem cuidado ou exigem uma maior carga emocional, utilizando características associadas à aptidão maternal e à doçura, o que perpetua expectativas sociais tradicionais em relação a elas.

As evidências encontradas destacam que essas discriminações podem ocorrer tanto de forma explícita quanto velada. Apesar da crença de que as mulheres estão ocupando "seu lugar na sociedade", é essencial questionar qual é esse lugar e trabalhar para romper barreiras que, ainda hoje, se mostram extremamente resistentes para elas.

Uma limitação do estudo foi o fato de ter considerado apenas duas profissionais, o que restringe o campo de análise e, conseqüentemente, as conclusões gerais. Sugere-se que outros estudos sejam desenvolvidos, abrangendo profissionais de diferentes áreas, para que, por meio de discussões e análises mais amplas, a sociedade avance no entendimento de que as mulheres, assim como os homens, têm pleno direito de fazer escolhas profissionais.

A proposição central deste estudo é a crença de que, independentemente do gênero, todas as pessoas têm o direito de buscar uma profissão com a qual se identifiquem e que lhes proporcione realização. É preciso superar a ideia expressa por Hirata e Kergoat (2007) de que "tudo muda, mas nada muda". Até o momento, permanece evidente, como destacou Belchior, que, apesar do "novo sempre vir", "ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais".

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. O.; FERNANDES, S. C. S. Expressões do Sexismo no Ambiente de Trabalho: Revisão de Escopo. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 2024. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/15648>>. Acesso em 11 Jul. 2024.

ANTLOGA, C. S. *et al.* Trabalho feminino: Uma revisão sistemática da literatura em psicodinâmica do trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, 2020. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/qj5Wmt3hmXK-77qy4qkMPqMN/?format=html>>. Acesso em 15 Jul de 2024.

ARAUJO, I. C. A.; RIBEIRO, L. Entre o cuidado e a custódia: Como agentes prisionais em Minas Gerais percebem seu trabalho. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 16, n. 1, p. 219-245, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dilemas/a/Vx54CKYqYJyFMvnNWFmCYMS>>. Acesso em 10 Jul. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIROLI, F.; QUINTELA, D. F. Divisão sexual do trabalho, separação e hierarquização: contribuições para a análise do gênero das democracias. **Revista de Ciências Sociais**, n. 53, p. 98-115, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/51417/33129>>. Acesso em 09 Jul. 2024.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CODO, W. *et al.* **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

COLOMBY, R. K.; PERES, A. G. L.; LOPES, F. T.; COSTA, S. G. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 852-887, 2016. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/3817>>. Acesso em 09 Jul. 2024.

DEJOURS, C. **Investigaciones psicoanalíticas sobre el cuerpo: supresión y subversión en psicossomática**. Siglo XXI, 1992.

FILSINGER, L. F.; PAULA, A. V.; MATTA, L. C. Trabalho e gênero: os percalços das mulheres no mundo do trabalho. **Violência e gênero: análises, perspectivas e desafios**. Guarujá: Editora Científica Digital, p. 152-170, 2022. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220709429.pdf>. Acesso em 10 Jul. 2024.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GORZ, A. **Historia y Enajenación**. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmidsBWQ/?lang=pt>>. Acesso em 10 Jul. 2024.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

LANGER, A. Racionalidade econômica, trabalho e ecologia em André Gorz. In: **CAD CRH 30**, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/RhNGcbLphBK9stMbS6D6wdv/#>>. Acesso em 01 jul. 2024.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 122-146, 2017. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000100122&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000100122&script=sci_abstract)>. Acesso em 10 Jul. 2024.

LHUILIER, D. Trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 483-492, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQWnZ39cZTfCWFLnNF5Lzcs/#>>. Acesso em 01 jul. 2024.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. In: ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.